

Resenha

KEVELSON, Roberta. *Peirce's Pragmatism: the Medium as Method*. New York: Peter Lang, 1998. 204 pp.

Impressiona qualquer leitor a proposta de um livro, que se autodefine como a primeira abordagem radical do Pragmatismo peirceano, indo às origens do conceito, por meio da consulta a manuscritos ainda não publicados. O livro *Peirce's Pragmatism: the Medium as Method* é dividido em três partes – a práxis, a prática, a poética –, totalizando 204 páginas. Cada parte é subdividida em capítulos, alguns dos quais são constituídos por conferências inéditas.

Logo na Introdução, Roberta Kevelson defende a tentativa de recuperar o entendimento “deste pragmatismo” que Peirce idealizou, este “grifo, que deixa uma marca enigmática semelhante a uma pegada na areia”. O Pragmatismo é explicado como um método do qual deriva a Semiótica, ou Teoria dos Signos, isto é, o processo de como as idéias ou sistemas de signos evoluem e tornam-se cada vez mais complexos. Quando avaliamos nossa conduta, o pragmatismo produz idéias que podem ser organizadas em uma coerência teórica pela semiótica. Roberta Kevelson enfatiza em várias passagens sua consulta a fontes primárias, afirmando que a comunidade filosófica tem traído Peirce, do mesmo modo que William James o fez, e, infeliz e lamentavelmente, é pequeno o número de “scholars” peirceanos que realmente lêem os textos de Peirce diretamente no original.

Ainda na primeira parte, o Pragmatismo é discutido como “a investigação da investigação (*the Quest of Quest*)” ou o “método dos métodos”, ou seja, um processo operativo em qualquer sociedade dinamicamente crescente, aberta e livre. Na perspectiva peirceana, o termo semiótica representa um modo de ação no qual o pensamento (envolvendo idéias e tornando-as significativas) é a essência do método. Seus objetivos são:

1. aumentar o significado da atividade do pensamento humano, tornando-o mais amplo e complexo, e
2. satisfazer à investigação da investigação (*the Quest of Quest*), por meio de um processo “que une dois ou mais universos do discurso – um sistema de signos convencionalmente definido por usuários e pesquisadores e, portanto, uma função simbólica e hábitos de pensamento.

Essas duas funções do método da semiótica – a pragmática – podem ser entendidas como correspondendo e interpretando dois instintos básicos identificados por Peirce: o de satisfazer um senso de necessidade, de vazio, de tornar cada vez mais amplo o motivo para o significado, e o de reproduzir, não fechando mas em relacionamento, um signo mais compreensível. Esses dois instintos básicos são forças referenciais para o interpretante imediato do signo. Toda classificação de idéias, seja da ciência ou de outros tipos, tem uma raiz comum, e todas as ciências são relacionadas e estão continuamente se intercomunicando. Para Peirce, o pragmatismo significa uma ruptura completa com o nominalismo.

Trazendo uma contextualização sobre o pensamento vigente no século XIX, Roberta Kevelson argumenta que Peirce está especialmente preocupado em mostrar que as ciências humanas e físicas estão moldadas pela “retórica do discurso científico”. O método de cada ciência deve ser apropriado a seus objetivos, e o estilo do discurso deve se conformar ao modo de investigação, “o sistema dominante de raciocínio que caracteriza cada tipo especial de pesquisa científica”, que também deve ser apropriado. Se tanto o raciocínio, como o estilo do discurso, não forem apropriados, haverá uma fragrante violação ética. O Pragmatismo é um método de investigação adaptável a todas as ciências, desde que o comportamento científico com respeito a todos e quaisquer objetos seja aberto, englobando o universo das idéias.

A melhor surpresa do livro está no capítulo 3, da primeira parte, denominado *Transformações*, no qual Roberta Kevelson discute a característica marcante do pragmatismo, isto é, seu efeito sobre os conceitos intelectuais; assim, o todo do que o pesquisador pode dizer em cada caso é uma complexa transformação de significados. Peirce traz para esse processo seu treino e “expertise” em química e matemática. Da matemática, Peirce adapta a função da imagem e fundamenta a investigação em idéias com iconicidade peculiar à matemática, evitando o nominalismo. A matemática funciona como modelo para o raciocínio, a partir do qual vai se constituir o método pragmático como um tipo espontâneo de transformação de uma representação em outra, de um signo em outro. Da química, é adaptado o processo relacional de prescindir o que não tem sentido. Peirce reinterpreta a noção de “solutio” dos alquimistas como conseqüência da investigação. Assim, em Peirce, essa noção passa a ser sinônimo de transformação, ou seja, o processo semiótico de criação de significado.

Roberta Kevelson também apresenta uma classificação reelaborada das ciências, na qual Peirce subdivide a Pragmática, a mais alta divisão das ciências, em Ética, Arte e Política (MS 1345). A Ética constitui o domínio da investigação dos princípios universais da conduta; a Arte é a investigação sobre problemas gerais, que não apelam para aqueles primeiros princípios, e a Política inclui todos aqueles problemas denominados especiais. Por outro lado, a Filosofia seria uma divisão da Fenomenologia, uma preparação para a análise semiótica. Sua Fenomenologia também inclui as Ciências Descritivas. O domínio da Pragmática está compreendido entre a Fenomenologia e a Metafísica; portanto, ao inserir o Pragmatismo, Peirce dá espaço para a Semiótica. Para Peirce, a semiótica não é periférica à Filosofia nem a ela subordinada. Ao tratar o Pragmatismo como a mais nova parte da classificação das ciências, Peirce transforma a velha ordem e estabelece a Semiótica como uma nova e soberana área da investigação. Pragmatismo é o estudo de como se deveria agir, à luz das verdades da experiência (Ms 1345).

A segunda parte, a prática, trata da semiótica legal, da qual Roberta Kevelson se diz “criadora”, e enfatiza o realismo da justiça de Hobbes. A terceira parte traz comparações entre Peirce e Jakobson, como também uma análise de pontos de semelhança entre Eco e Peirce.

Ao longo do livro, Roberta Kevelson consegue manter o interesse do leitor, em função principalmente de sua capacidade de usar o humor e a ironia para desvendar alguns fatos, e principalmente seu conhecimento e tratamento diferenciado da obra de Peirce, evitando o que ela mesma classifica de uma desonra a

Peirce, “uma violação do espírito de seu gênio”, ou seja, prefixar qualquer investigação sobre sua teoria dos signos com regras de natureza axiomática. Portanto, o livro de Roberta Kvelson cumpre, de certa forma, as promessas feitas na introdução.

Maria de Lourdes Bacha

Mackenzie/Unib/Unifio (SP)

mlbacha@ig.com.br